

THIAGO HENRIQUE NASCIMENTO VERGARA

**Polêmicas presentes no discurso contemporâneo sobre
a comunidade LGBTQIA+ no Brasil e a linguagem
neutra: o caso da série “Todxs Nós”**

THIAGO HENRIQUE NASCIMENTO VERGARA

**Polêmicas presentes no discurso contemporâneo sobre
a comunidade LGBTQIA+ no Brasil e a linguagem
neutra: o caso da série “Todxs Nós”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.

2023

V494p

Vergara, Thiago Henrique Nascimento

Polêmicas presentes no discurso contemporâneo sobre a comunidade LGBTQIA+ no Brasil e a linguagem neutra: o caso da série "Todxs Nós" / Thiago Henrique Nascimento Vergara. -- Araraquara, 2022

41 p.: fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura - Letras) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Marina Célia Mendonça

1. Análise Dialógica do Discurso. 2. Linguagem neutra. 3. Identidade de gênero. 4. Audiovisual. I. Título.

THIAGO HENRIQUE NASCIMENTO VERGARA

Polêmicas presentes no discurso contemporâneo sobre a comunidade LGBTQIA+ no Brasil e a linguagem neutra: o caso da série “Todxs Nós”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Marina Célia Mendonça

Data da defesa/entrega: 06/02/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Membro Titular: Prof. Me. Bruno Oliveira

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Membro Titular: Profa. Ma. Milena Aparecida de Almeida

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que desde o início me deram o suporte e apoio necessários para que eu adentrasse o mundo das ciências e pudesse persistir e prosperar nesse caminho.

À minha orientadora, por me acolher e acolher as minhas ideias, e para além disso, me incentivar, mesmo que indiretamente, a continuar escrevendo, lendo e produzindo.

A todos os meus amigos, e especialmente aos que pude criar um vínculo afetivo maior durante a minha experiência na faculdade: Eduarda, Pamela e Kevin. O trio que mudou a minha trajetória e vivência para além da vida acadêmica.

A todos os professores que passaram em minha vida escolar e acadêmica, por manterem e incentivarem em mim o apreço pelos estudos, pela pesquisa e pela ciência.

À agência de fomento CNPQ, pela bolsa concedida por um dado período de tempo, o pontapé inicial na minha carreira acadêmica como pesquisador, uma realidade que até então eu via muito distante de mim.

“[...] a experiência *outsider* pode possibilitar a construção de pontos de vista singulares. De fato, a marginalidade é um estímulo à criatividade.”

Letícia Nascimento (2021, p. 54)

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a presença e os usos da linguagem neutra na série brasileira “Todxs Nós”, que conta com 8 episódios e foi lançada em 2020 pela HBO. A série, tratando de temas que perpassam questões identitárias, dá destaque para a linguagem neutra em diferentes espaços, suscitando debates contemporâneos que envolvem sexualidade e identidade de gênero, principalmente. Para tanto, o objetivo da pesquisa é justamente debater e refletir sobre gênero em diferentes campos da vida social – especialmente considerando recentes projetos de lei que visam, sobretudo, condenar e censurar uma linguagem reivindicada por um grupo social minoritário. Nesse sentido, a pesquisa se beneficia de estudos na área da sociolinguística, aproveitando noções como purismo, higienismo e uma dita “norma culta”. A monografia também utiliza trabalhos desenvolvidos por estudiosos na área de gênero e sexualidade, como Judith Butler, Richard Miskolci, Guacira Lopes Louro, entre outros. A perspectiva teórica utilizada é a Análise Dialógica do Discurso, com base na obra de, principalmente, Bakhtin e Volóchinov, articulando os conceitos de ideologia, enunciado concreto e cronotopo. Quanto à metodologia adotada, destaca-se o cotejamento de textos entre os episódios, as cenas da série e demais discursos produzidos em âmbitos sociais, dando enfoque à forma como se produz um todo de sentido entre diferentes linguagens no decorrer da narrativa em relação e diálogo com questões identitárias, analisando mais especificamente o cronotopo e sua relação com as personagens da série. No que tange aos resultados e às discussões realizadas, ressalta-se a forma como a relação espaço-temporal, os usos do corpo (corte de cabelo, vestimentas, tatuagens, entre outros) e também a linguagem (neste caso, o uso da linguagem neutra) constituem marcas identitárias performadas pelas personagens, em um movimento de refração ideológica que a obra faz da vida.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso; Linguagem neutra; Identidade de gênero, Audiovisual.

ABSTRACT

This research intends to analyse the presence, as well as the uses of the gender-neutral language in the Brazilian TV show “Todxs Nós”, that has 8 episodes and was released in 2020 by HBO. The TV show, discussing themes that include identity questions, highlights such gender-neutrality in different spaces, also raising contemporary debates that concern society’s apprehension of this discourse of controversies involving sexuality and gender identity, mainly. Therefore, the objective of this research is precisely to debate and reflect on gender issues in different areas of social life – especially considering the recent Brazilian bills that aim, above all, to condemn and censor a language that is claimed by a minoritarian social group. This investigation benefits from the studies of sociolinguistics, availing notions such as purism, *hygienism*, and a so-called “standard language”. The monograph also utilizes studies developed by studies in the field of gender and sexuality, like Judith Butler, Richard Miskolci, Guacira Lopes Louro, among others. The perspective used is the Dialogic Discourse Analysis, based, mostly, on Bakhtin and Volóchinov, articulating concepts of ideology, concrete utterance and chronotope. Regarding the methodology, it is highlighted the text collation between the episodes of the TV show, some scenes and another discourses produced in social scopes, focusing on how utterances are produced among different languages throughout the narrative of the show, in relation and dialogue with identitarian matters, analysing more specifically the chronotope and its relation to the other characters. Concerning the results and the discussions held, it is revealed how the space-time relation, the uses of the body (hairstyles, clothing, tattoos, among others) and also the language (in this case, the use of gender-neutral language) constitute identity marks performed by the characters, in a movement of ideological refraction that the work makes of life.

Keywords: Dialogic Discourse Analysis; Gender neutral language; Gender identity; Audiovisual.

LISTA DE FIGURA

Figura 1	X no estúdio	30
Figura 2	Rafa e sua família biológica na sala do apartamento	33
Figura 3	Rafa e o pai em conflito	33
Figura 4	O pai de Rafa deixando o apartamento	33
Figura 5	Entrada do estúdio de tatuagem	35
Figura 6	Os proprietários do estúdio	36
Figura 7	Briga na rua após a balada	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. Língua, identidade e poder em discursos contemporâneos	14
2.1 O que é a linguagem neutra e qual o seu papel na formação de corpos dissidentes	15
2.2. As polêmicas envolvendo a linguagem neutra sob a ótica da matriz heterossexual em discursos políticos no Brasil	16
2.3 Linguagem e identidade a partir da performatividade de gênero	20
3. Análise Dialógica do Discurso: enunciado concreto, cronotopo e ideologia	23
4. A série “Todxs Nós”: considerações sobre linguagem neutra, construções identitárias e cronotopo	29
4.1 O apartamento como espaço identitário acolhedor e a família biológica como matriz da heterossexualidade compulsória	32
4.2 O estúdio de tatuagem como espaço subversivo e a rua como manifestação concreta das relações de poder	33
5. Considerações finais	38
Referências	42

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia se insere na área da Análise Dialógica do Discurso e tem por objeto de análise uma série televisiva de meados de 2020, trazendo consigo um contexto de contemporaneidades relativas ao uso da linguagem neutra. Trata-se da série brasileira “Todxs Nós”, que conta com 8 episódios e foi lançada pela HBO. Ao longo do texto, consideraremos que o enunciado, tratado para além do seu aspecto verbal, representa um elo na cadeia da comunicação, refletindo, e, sobretudo, refratando valores ideológicos materializados nas práticas sociais – refletindo também, nesse contexto, as marcas identitárias e performáticas produzidas em ações cotidianas.

Assim, esta monografia se justifica pois se insere em tal conjuntura de polêmicas acerca do debate de gênero e sexualidade, considerando para isso também os recentes Projetos de Lei que têm tomado corpo nos últimos anos no Brasil, especialmente no período pós-2018, reacendendo discussões que perpassam noções de língua e sua aprendizagem.

Dados os fatos que implicam em uma ideologia heterocentrada dominante no país – pensando, para isso, o fato de que as noções de gênero são efeitos de normas socialmente instituídas e mantidas a partir de um viés heterossexual compulsório –, o projeto visa discutir e analisar conflitos ideológicos que se relacionam com o uso da linguagem neutra em um corpus audiovisual – que traz como trama central a vida de um indivíduo pansexual não-binário, Rafa, que, fugindo de sua cidade natal no interior de São Paulo, vai tentar a vida na capital, na tentativa de se redescobrir. Assim, o objetivo geral da pesquisa é analisar a série “Todxs Nós” (contando com 8 episódios e lançada em 2020 pela HBO), considerando a hipótese de que ela materializa conflitos ideológicos acerca da noção de gênero. Os objetivos específicos são: a) Refletir sobre a utilização do gênero neutro na série e como esse uso dialoga com os discursos sobre esse gênero que circulam em diferentes campos da vida social; b) Refletir sobre como as temáticas relacionadas à comunidade LGBTQIA+ e a questão da identidade de gênero são atualizadas/ressignificadas na série, em diálogo com discursos que se produzem em diferentes campos.

A série, sendo distribuída internacionalmente através da plataforma de *streaming* do canal, permite que suas questões e debates fundamentais sejam expressos e espalhados de forma contínua e ampla. Esse produto audiovisual, ao veicular discursos polêmicos sobre o uso da linguagem neutra, reivindicada por grupos sociais marginalizados e dissidentes, também traz à tona a noção de língua enquanto uma arena em que disputam ideologias e sentidos, segundo

estudos de Volóchinov¹ (2017). A perspectiva teórica do trabalho, portanto, são estudos de autores do Círculo de Bakhtin e seus comentadores.

Na metodologia adotada, destaca-se a noção de enunciado concreto como “um todo de sentido”, conforme propõe os autores do Círculo de Bakhtin (as diferentes linguagens do audiovisual analisado são, dessa forma, entendidas como complementares na produção de sentido), e o cotejamento de textos (BAKHTIN, 2011; GERALDI, 2012) entre os episódios e as cenas da série – trabalhando a forma como os efeitos de sentido são produzidos e apreendidos no decorrer da narrativa. Para isso, consideramos, mais especificamente, a constituição dos ambientes e espaços presentes na série, ressaltando a forma como a relação espaço-temporal constitui e reitera marcas e performances identitárias. A relação destacada entre tais instâncias da narrativa, então, reflete e evidencia o papel fundamental entre alteridade e identidade. Dessa forma, são privilegiados na análise os conceitos de enunciado concreto, ideologia e cronotopo.

Tratamos de mostrar que a relação instaurada em cada um desses espaços é mutável – não somente quanto à linguagem utilizada, uma das grandes problemáticas trazidas pela série, mas também quanto à própria construção identitária das personagens e suas possíveis transformações. É importante ressaltar que há, na série, espaços tidos como privilegiados na construção da identidade do protagonista da série, como o estúdio de tatuagem e o apartamento em que ele vive com amigos (neste ocorrem as discussões sobre a (não)-utilização da linguagem neutra, a título de exemplo).

As seções presentes no trabalho trazem, então, respectivamente, as definições e perspectivas acerca da linguagem neutra, oferecendo os sentidos por trás da criação de tal linguagem, e como funciona o seu uso na prática, de acordo com as classes gramaticais da língua; em seguida, contextualizamos com as polêmicas presentes na contemporaneidade sobre a comunidade LGBTQI+ e a linguagem neutra, exemplificando com Projetos de Lei brasileiros que visam coibir e censurar tal modalidade da língua – sempre com justificativas pautadas no purismo linguístico –, e também, em um contexto mais amplo, a partir das formas que o governo federal atuou e tem atuado para estigmatizar e relativizar tal debate – como no caso dos pronunciamentos do ex-presidente Jair Bolsonaro e seu secretário Mário Frias. Por último, realizamos análises de algumas das cenas dos episódios da série, em que os espaços são, também, parte da construção identitária das personagens.

Com esta monografia, então, pretendemos contribuir para fomentar a discussão acerca da relação existente entre os produtos culturais e questões políticas na contemporaneidade,

¹ Quanto à grafia do nome do autor, devido às diferentes traduções para o português que sua obra passou, utilizaremos a sua correspondente, de acordo com a data de publicação das produções.

demonstrando como as polêmicas e questões ideológicas são cooptadas e apreendidas pelos meios de comunicação tendo como base, principalmente, discursos institucionalizados. A partir de um *corpus* audiovisual, então, objetivamos analisar e propor novos debates às questões de formação e produção de corpos marginais e subversivos e, conseqüentemente, quais as lógicas inscritas por trás de suas vivências e que regem seus atos corporais e discursivos. Teresa de Lauretis (1987, p. 214), expondo quais seriam, então, os papéis da categoria gênero enquanto instância ideológica, diz: “a ideologia do gênero teve um papel importante na construção histórica da divisão capitalista do trabalho e da reprodução do poder do trabalho” e é, portanto, uma demonstração precisa da “conexão integral entre a ideologia e as relações de produto”. Nesse sentido, visamos trazer luz aos debates que continuam a reprimir minorias sexuais e de gênero; e para além disso, elucidar, também, as formas que as relações de poder, intrínsecas ao sistema capitalista, operam e cooptam os discursos contemporâneos e pró-diversidade. Tudo isso ao passo que o conservadorismo, também inerente às formas políticas atuais, cria pânico morais para justificar seus atos de caráter repressivo.

2. Língua, identidade e poder em discursos contemporâneos

Nas seções seguintes discutiremos, então, a relação intrínseca presente na tríade língua, identidade e poder, especialmente considerando os discursos produzidos na contemporaneidade, de forma a propor discussões no que cerne à cooptação de instituições e de diferentes comunidades a respeito de questões identitárias (de gênero) e de temas pró-diversidade em geral. De início introduziremos o conceito e importância da linguagem não-binária dentro da comunidade LGBTQ+, e também fora dela, argumentando que há, de fato, formas alternativas na língua que não demarcam gênero e que podem, portanto, ser mais inclusivas. Em seguida, trazendo questões pertinentes à sociolinguística, discutiremos concepções de higienismo e purismo linguístico, traçando paralelos entre os projetos de lei propostos recentemente, e àqueles dos anos 90, que visavam proibir o uso de estrangeirismos – demonstrando que ambos os movimentos revelam justificativas semelhantes. Por fim, nesta seção, há uma breve discussão sobre o conceito de linguagem a partir dos estudos *queer*, em uma lógica de performatividades identitárias.

2.1. O que é a linguagem neutra e qual o seu papel na formação de corpos dissidentes

A linguagem neutra, ou linguagem não-binária, é uma das propostas de reflexão sobre representatividade e inclusão social, visando tornar a língua portuguesa mais abrangente e justa para corpos dissidentes; como transexuais, travestis, não-binários, intersexo ou aqueles que não se sintam incluídos pelo uso do masculino genérico – usado recorrentemente no português.

O uso do “@” e do “X” no lugar de vogais temáticas, como em “todxs”, “meninxs” etc., apesar de ser uma tentativa de incluir aqueles grupos sociais invisibilizados, é impronunciável e impraticável na linguagem oral, além de dificultar o seu entendimento por uma parcela da população, considerando que prejudica as PCDs visuais (pessoas que têm deficiências visuais) que utilizam de programas de leitura através de som, e também dificulta os indivíduos com dislexia. Por isso, uma das alternativas encontradas e que podem ser aplicadas com maior facilidade, é a substituição da vogal temática e o artigo pela letra “E”, pelo “I” ou ainda pelo “U” – assim como proposto no documento disponibilizado *on-line* “Guia para a linguagem neutra (PT-BR)²”. Ainda, existem outras formas de tornar uma frase neutra, basta não deixar evidente o sujeito da frase, pois assim não será utilizado o masculino genérico e não ocorre a flexão de gênero. Também é possível ocultar os artigos generificados, utilizando apenas o nome do sujeito ou substantivos que não demarquem gênero. É imperativo ressaltar, de qualquer forma, que as comunidades e grupos sociais que propuseram essas discussões, e, especialmente, o uso político dessas formas linguísticas, têm papel central na constituição da linguagem não-binária – aqui, pessoas trans, não-binárias, travestis, interssexuais, etc. –, demarcando, então, a presença de uma comunidade na reivindicação de usos da língua que são, também, identitários.

A discussão acerca da linguagem neutra está pautada de forma expressiva nos estudos da teoria *queer*, no que concerne aos modos pelos quais a identidade, e em particular a identidade de gênero, é constituída no e pelo discurso, assim como proposto por Judith Butler (2003). Assim, partindo também da perspectiva bakhtiniana, a linguagem não reflete o lugar social de quem fala – mas faz parte desse lugar, e não obstante, a identidade não preexiste à linguagem, pelo contrário, os falantes têm que marcar suas identidades de maneira assídua e repetida, e tal repetição se faz mandatória, tendo em vista que identidades dissidentes não existem fora dos atos de fala e escrita que as sustentam. A linguagem neutra, então, se configura

² O documento, formulado e disponibilizado *on-line* em 2019, além de trazer um glossário acerca de questões de sexualidade e identidade de gênero, também elenca os sistemas utilizados na linguagem neutra (considerando que há, pelo menos, dois deles – “ile” e “clu”), especificando como passa a funcionar, dentro das propostas, cada classe gramatical.

como uma forma que seus falantes têm de marcar suas identidades, sustentando o “eu” e o “nós”. Por este motivo, a linguagem não-binária acaba por esbarrar em estereótipos oriundos do senso comum e que muitas vezes são reproduzidos erroneamente – questionando, e desacreditando a discussão da inclusão social e da dinamicidade da língua, e por fim, reduzindo o debate a uma questão geracional.

2.2. As polêmicas envolvendo a linguagem neutra sob a ótica da matriz heterossexual em discursos políticos no Brasil

A partir de projetos de lei propostos nos últimos anos no Brasil, a linguagem neutra tem enfrentado sucessivas tentativas de censura e silenciamento. Grande parte dos projetos propostos clama pela proibição da linguagem neutra em instituições de ensino da rede pública e privada e também em bancas de concurso. Em novembro de 2020, o deputado federal Junio Amaral (PSL – MG), autor do PL 5.198/20, propõe que, nos ambientes formais de ensino e educação, não deve ser permitido “o emprego de linguagem que, corrompendo as regras gramaticais, pretenda se referir a gênero neutro, inexistente na língua portuguesa” (BRASIL, 2020, p. 2). O que se vê nesse tipo de projeto, no entanto, é uma espécie de purismo linguístico, que vem se tornando cada vez mais comum, criando a falsa ideia de que a língua que falamos é intocável e inflexível, com o objetivo de impor legitimidade quanto ao que é aceitável na língua, assim como argumenta Faraco (2001, 2008) e Bagno (2009).

Ainda em 2020, o deputado Guilherme Derrite (PP – MG), em consonância com o projeto proposto por Amaral, acrescenta no PL 5.248/20 que se incluía “a vedação (da linguagem neutra) em documentos oficiais dos entes federados, em editais de concursos públicos, assim como em ações culturais, esportivas, sociais ou publicitárias que percebam verba pública de qualquer natureza.” (BRASIL, 2020, p. 1). No texto, ainda, a linguagem neutra é definida como “a utilização de outras vogais/consoantes/símbolos que não identifiquem o gênero masculino/feminino nas palavras.”. A partir desse tipo de discurso, é imperativo destacar que a questão da linguagem não-binária e da inclusão social é reduzida a somente a inserção de “vogais/consoantes/símbolos” na língua portuguesa – não mencionando o sistema sociocultural e econômico opressivo e excludente a que as minorias são expostas e em como a própria língua corrobora para a manutenção de tal opressão. Butler (2003), nesse sentido, argumenta que a matriz heterossexual dominante postula uma gramática prescritiva que institui como natural e inquestionável a relação entre sexo biológico, gênero e subjetividade, e que assim, os sujeitos

só se tornam inteligíveis de fato ao adquirirem seus gêneros em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero.

Faraco (2001), discutindo o projeto de lei de meados dos anos 1990, que visava proibir o uso de estrangeirismos oriundos da língua inglesa, argumentou que os projetos utilizavam de justificativas de grande apelo patrioteiro e purista, e que, para ele, ainda,

O propósito dessa movimentação ideológica é estabelecer o que é legítimo na língua da comunidade, na língua do poder — a variedade linguística idealizada, simbolicamente associada ao exercício do poder — e, em última análise, identificar quem fala com legitimidade a língua da comunidade e, por fim, quem está apto a exercer o poder dentro dela e em seu nome (FARACO, 2001, p. 14-15).

Assim, tanto o projeto de lei contrário ao uso dos estrangeirismos, quanto os que condenam a linguagem neutra partem de pressupostos conservadores semelhantes, isso pois ao estabelecer que existem ameaças à língua portuguesa, apagam-se as diferenças linguísticas (e identitárias) que marcam as divisões dos grupos que disputam recursos e poder na sociedade. Nesse sentido, portanto, há a tentativa de anular, constitucionalmente, as identidades de classe dos brasileiros, que falam diferente e marcam suas identidades de formas também distintas.

A fim de expandir o contexto à época, no final do mesmo ano, 2020, em São Paulo, o PL 721/20 foi apresentado pelo deputado estadual Altair Moraes (REPUBLICANOS), assegurando a defesa de “medidas protetivas ao direito dos estudantes do Estado ao aprendizado da língua portuguesa de acordo com a norma culta e orientações legais de ensino” (BRASIL, 2020, p. 1). Novamente, assim como previsto em demais falas de políticos, o projeto de Altair Moraes reitera uma fala de purismo linguístico – defendendo que a norma culta da língua portuguesa seja ensinada de forma única e exclusiva nas instituições de ensino do Estado, e reiterando, assim, uma posição ideológica arcaica de desconsiderar os demais usos da língua oral e escrita, e ignorando, consequentemente, um ensino que poderia vir a ser mais inclusivo e abrangente.

Por fim, no estado de Santa Catarina, dentre os artigos da proposta do PL 5.385/20 da deputada federal Caroline de Toni (PSL – SC), está também uma das justificativas do projeto:

Isto significa que é absolutamente autoritário, ditatorial e antidemocrático que movimentos de minorias, tais como os que propagam o chamado "dialeto" ou "linguagem não-binária ou neutra", que hodiernamente toma de assalto as escolas, pretendam modificar a língua oficial impondo diretamente nas salas de aula, o ensino de uma linguagem que substitua a gramática e a língua oficial, sem antes ter submetido tal pretensão a uma decisão geral da nação, após amplo debate social, político, filosófico e jurídico e sem aprovação maciça da população brasileira. (BRASIL, 2020, p.4).

Nota-se, portanto, uma contínua posição purista e higienista (BAGNO, 2009), que busca garantir a manutenção de um sistema já excludente e heterocentrado – e tudo isso em um processo de acultramento e assujeitamento, cerceando linguagens e variações minoritárias do contato dos estudantes durante o processo educacional.

Para além disso, Marcos Bagno (2009) discute que a expressão “norma culta”, conforme utilizada nos projetos de lei e também cotidianamente, se refere, substancialmente, à linguagem empregada pelos cidadãos que pertencem aos segmentos mais favorecidos da sociedade – e sendo os falantes ditos “cultos” definidos por dois critérios comuns: escolaridade superior completa e antecedentes biográfico-culturais com origem urbana. Esse é um dos usos mais recorrentes da expressão – e que revela “um longo processo de impregnação ideológica que tem de ser criticado e desmascarado [...]” (BAGNO, 2009, p. 76). O adjetivo “culto”, portanto, detém, nesse tipo de uso e de discurso, um caráter reacionário, categorizando uma parte da população, aquela sem formação superior completa, a grosso modo, como “inculta”.

Bagno (2009, p. 79), comentando a respeito do tratamento dado ao modelo ideal de língua “certa”, argumenta que tem sido comum, também, o uso do termo “norma-padrão”. Para o linguista, no entanto, o termo, ainda que designe, em grande parte dos casos, “[...] uma norma, no sentido mais jurídico do termo: “lei”, “ditame”, “regra compulsória”, imposta de cima para baixo, decretada por pessoas e instituições que tentam regradar, regular e regulamentar o uso da língua”, é o mais adequado, visto que se não corresponde integralmente a nenhum conjunto concreto de manifestações linguísticas regulares, não pode ser chamada de “língua”, “dialeto”, tampouco de “variedade”. Assim, o autor conclui que:

a norma-padrão brasileira [...] se afasta tremendamente da realidade dos usos linguísticos dos cidadãos brasileiros em geral e até mesmo dos falantes urbanos escolarizados das classes médias e médias altas [...]. a norma-padrão [...] é um instrumento de opressão ideológica, de perseguição, de patrulha social, de discriminação e preconceito. (BAGNO, 2009, p. 82).

Em junho de 2021, o governo de Santa Catarina aprovou um decreto que proíbe a linguagem neutra em escolas públicas e privadas. Segundo o governo do estado, o decreto institui que documentos escolares oficiais não deverão trazer referências à linguagem do gênero neutro, que inexiste na língua portuguesa e que apresenta contrariedade às regras gramaticais consolidadas no país. Ainda em Santa Catarina, a deputada Geovânia de Sá (PSDB – SC) apresentou, em agosto, o Projeto de Lei 2.650/2021, que veda a utilização de linguagem neutra em escolas públicas e particulares em nível nacional. Na justificação do projeto de lei argumenta-se que a linguagem não-binária se trata de uma deturpação da Língua Portuguesa

que, surpreendentemente, tem sido utilizada por algumas poucas escolas em seus documentos e até mesmo na comunicação com os alunos. A deputada ainda declarou que é inaceitável que essa invenção não-legítima de língua seja reproduzida justamente no local onde os estudantes deveriam aprender a utilizar a Língua Portuguesa de acordo com as regras gramaticais. As tentativas de fazer com que tais formas linguísticas – e identitárias – sejam contidas e coibidas, nesse sentido, revela uma postura de temor frente ao poder que a língua detém, e para além disso, aqueles que detêm o poder de fala. Assim, reprimir o uso de tais variações, não infere, *a priori*, em sua desapareição, o que tem acontecido sistematicamente, assim como exposto, são tentativas de conter seu avanço frente à pressão externa, pressão esta que coincide com os ideais conservadores hegemônicos.

Labov (2008), sociolinguista estadunidense, esclarece que para além de quaisquer mudanças na linguagem e na sistematização da língua, tais transformações se dão inicialmente no âmbito social, ou seja, na prática as transformações não são materializadas no âmbito linguístico – a materialização dessas novas formas linguísticas se dá, então, com o tempo e o uso contínuo pela comunidade, assim como comum às demais modificações a que as línguas foram e estão sujeitas. Portanto, são estes fatores de ordem social que provocam variações – e que clamam por formas dissidentes de fala e escrita, no caso da linguagem neutra – na estrutura lexical do idioma. Assim, a censura à linguagem neutra, aqui se tratando especialmente no campo político e constitucional, não infere no desuso e desaparecimento de uma nova linguagem, tendo em vista que esta surge em decorrência da demanda de grupos sociais minoritários. Hilda Sousa, em seu artigo *Estrangeirismos versus purismo da língua portuguesa do Brasil* (2017), comenta:

[...] quando as mudanças acontecem, elas não afetam o sistema de uma língua ao ponto de descaracterizá-la, já que são intrínsecas e “nascem” na fala, ou seja, primeiro elas passam pela doxa da comunicação entre os falantes antes de serem incorporadas ao dicionário de uso. (SOUSA, 2017, p. 153).

Por outro lado, também em discursos político-culturais, recentemente, o Museu da Língua Portuguesa provocou uma discussão sobre a aceitação da linguagem não-binária. Anunciando a sua reabertura após o incêndio de 2015, a instituição faz referência a uma nova fase a ser vivida, e para isso, no post foi usada a linguagem neutra – “o recomeço de um espaço aberto à reflexão, inclusão e um chamamento para todas, todos e todes os falantes, ou não, do nosso idioma”.

A postagem do Museu da Língua Portuguesa teve grande repercussão nas mídias, e a esse respeito, o museu publicou uma nova nota reiterando a posição defendida pela instituição: “Desde sua fundação, em 2006, o Museu da Língua Portuguesa se propôs a ser um espaço para

a discussão do idioma, suas variações e mudanças incorporadas ao longo do tempo. Sempre na perspectiva de valorizar os falares do cotidiano e observar como eles se relacionam com aspectos socioculturais, sem a pretensão de atuar como instância normatizadora. Nesse sentido, o Museu está aberto a debater todas as questões relacionadas à língua portuguesa, incluindo a linguagem neutra, cuja discussão toca aspectos importantes sobre cidadania, inclusão e diversidade”. As reações e a posição adotada pelo público contrário à utilização da linguagem neutra, inclusive no âmbito acadêmico, defendem que quaisquer mudanças que venham a ser fundidas em uma língua devem ser naturais e orgânicas, e não impostas e forçadas. Outros, ainda, afirmam que a linguagem neutra, como utilizada atualmente, faz parte apenas de um grupo minoritário – como uma espécie de gíria.

Mário Frias, que em junho de 2020 assumiu a Secretaria Especial da Cultura, também se posicionou de forma assídua contra o Museu e a publicação feita. Em suas redes sociais, o secretário nomeado pelo então presidente Jair Bolsonaro escreveu: “Tomarei medidas para impedir que usem o dinheiro público federal para suas piruetas ideológicas. Se o governo paulista se comporta como militante, vandalizando nossa cultura, não o fará com verba federal”.

É interessante notar, no entanto, que a Secretaria é sucessora do antigo Ministério da Cultura, extinto por Bolsonaro em 2019 por meio da MP nº 870, convertida posteriormente na Lei nº 13.844, que visou diminuir o número de órgãos com *status* de ministério. Em pouco mais de um ano, também, o órgão teve 5 responsáveis, dentre eles Regina Duarte, que foram demitidos ou desligados de seus cargos. De qualquer forma, a pasta é responsável pela formação de políticas, programas e projetos de promoção da cidadania por meio da cultura – mas o que se tem visto é o movimento contrário, de acultramento e ameaças feitas pelos próprios encarregados. Assim, órgãos públicos que, em tese, teriam que agir em função do povo, acabam por reiterar uma ideologia dominante hegemônica, que não obstante, reforça sistemas opressivos já existentes.

Sob esses aspectos já mencionados, especialmente no que concerne à cooptação de tais discursos políticos pela mídia, e consequentemente, pelo restante da sociedade, é imprescindível debater a forma como a compreensão da produção de efeitos de sentido são produzidos pelos discursos político-midiáticos em torno de gênero e da linguagem neutra e a sua apreensão pelo discurso ideológico dominante.

2.3. Linguagem e identidade a partir da performatividade de gênero

Pensando no processo dialógico e no papel constitutivo da linguagem nos processos sociais – em que a realidade social constitui, e ao mesmo tempo é constituída por ela –, é possível elucidar os estudos iniciados na década de 1990 propostos por Judith Butler, professora, filósofa e pesquisadora nascida nos Estados Unidos. Butler dá centralidade à linguagem nas dinâmicas socioculturais que produzem e regulam a identidade. O interesse da filósofa estadunidense reside, fundamentalmente, nos modos pelos quais a identidade, e em particular a identidade de gênero, é constituída no e pelo discurso. Para tal, a autora utiliza o termo “sujeito-em-processo” para se referir aos falantes, considerando que eles são construídos nos discursos e pelos atos que executam repetidamente – elementos que constituem a nossa identidade.

Rodrigo Borba (2014), a partir de estudos de Butler, comenta a respeito do poder constitutivo da linguagem, questionando que tal poder precede e condiciona qualquer decisão que se venha a tomar no futuro. Dessa forma, então, a linguagem fornece o material base de nossas identidades, bem como os parâmetros e limites que substanciam as habilidades de saber e agir dos indivíduos. Seguindo preceitos pós-estruturalistas, o autor é guiado pela noção de que a sexualidade e a identidade são construções sócio-históricas moldadas por instituições e discursos.

Nos estudos de Butler, ainda, afirma-se que as noções de coerência e continuidade identitárias – a inteligibilidade do gênero – são efeitos de normas socialmente instituídas e sistematicamente preservadas, assim, o gênero não decorre de forma natural e incontestável de nosso órgão genital, mas sim de regras históricas e discursivamente produzidas. Tais normas, nesse sentido, instituem o corpo-sexuado que deve ser “generificado” baseando-se em uma heterossexualidade compulsória.

As teorias *queer* visam, com base na genealogia e na desconstrução, desfazer esses preceitos hegemônicos. Além disso, o foco analítico e político de tal teoria não parte da identidade como ponto inicial de investigação, pelo contrário, parte justamente da constituição histórico-discursiva das normas que geraram e continuam a gerar e limitar experiências identitárias e discursivas. Para Borba (2014), o que o sujeito faz e diz não é a expressão de uma realidade anterior, ou de uma essência pré-existente que funciona como origem de suas ações e subjetividades – o que o sujeito repetidamente diz e faz o constitui de fato como real e natural. Todos esses aspectos são, portanto, performativamente produzidos. Com isso, então, os autores defendem um modelo dito performativo de identidade, no qual nossas ações, repetidas incessantemente, constituem a identidade como algo natural – a essência –, e assim um efeito

de performances iteradas que reatualizam discursos histórica e culturalmente específicos – a depender do contexto de seus falantes.

Por fim, é indispensável pensar o significado e impacto dos recursos semióticos da vida social dos sujeitos – incluindo, além da própria linguagem, roupas, maquiagens, comportamentos, usos do corpo no geral etc., e à vista disso, como, a partir da linguagem, performances identitárias são possibilitadas e reiteradas. Portanto, “a linguagem-em-uso constitui a performance em todos os níveis” (BORBA, 2014, p. 467). E assim sendo, Butler (2019, p. 67), a respeito da performatividade de identidades, reitera que “[...] politicamente, devemos exigir a expansão das nossas concepções de igualdade a fim de incluir essa forma de liberdade corporificada” e, para além disso, quando tratamos de performances de gênero, “independentemente de entendermos nosso gênero ou nossa sexualidade como algo que escolhemos ou que nos foi atribuído, cada um tem o direito de reivindicar esse gênero e sexualidade. E faz a diferença se podemos reivindicá-los”. A reprodução do gênero, então, é sempre uma negociação com o poder. O corpo – e os usos e sentidos que damos a ele –, então, é um conjunto vivo de relações, ao passo que não pode ser completamente dissociado das condições e infraestrutura a que está articulado.

3. Análise Dialógica do Discurso: enunciado concreto, cronotopo e ideologia

De início, é imperativo elucidar a noção de que a palavra/signo é um fenômeno social produto da interação verbal, assim, como tal, a palavra torna-se arena de disputa e negociação onde se desenvolve a luta de classes. Nesse sentido, tomando o ideal dos autores do Círculo de Bakhtin de que todo signo é ideológico, temos a constituição da materialidade ideológica de ativismos – hegemônicos e contra-hegemônicos. A linguagem, portanto, para além de ser tida como um sistema de signos linguísticos, é composta por signos ideológicos.

Miotello (2005) afirma que, além dos aspectos físico-material e sócio-histórico de um signo, esse representa, inquestionavelmente, a realidade a partir de um lugar valorativo – revelando-o como verdadeiro ou falso, bom ou ruim etc., e fazendo, nesse sentido, coincidir o mundo dos signos com o domínio do ideológico. Para o autor,

[...] o ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas. [...] O que constitui a linguagem como o lugar mais claro e completo do fenômeno ideológico. (MIOTELLO, 2005, p. 170).

Como já discutido em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017) por Volóchinov e demais autores, essa contínua cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais de forma a uni-las, uma vez que o signo (ideológico) surge, efetivamente, no processo interativo entre consciências individuais – “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Ainda, a respeito do dialogismo existente na tríade linguagem, consciência e expressão, em *Que é a Linguagem?*, de Volochínov (2013), é discutido que qualquer necessidade natural, para que possa se tornar desejo humano e expreso, é necessário passar pelo estágio da refração ideológica e social – assim, fatores biológicos e “naturais” recebem, inevitavelmente, uma configuração sociológica e histórica, da época e contexto em que estão inseridos, do ambiente social, da classe social do falante, entre outros aspectos que constituem o enunciado concreto e a identidade do sujeito falante.

Concomitantemente, como propõe Brait (2005), o enunciado, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, deve ser concebido como unidade de comunicação, e para além disso, como unidade de significação, devidamente contextualizado, pois em uma mesma frase realiza-se um número infinito de enunciados – que são únicos, existindo dentro de situações e contextos específicos e que, assim, ganham sentidos diferentes nessas realizações enunciativas e

discursivas. À sua época, os estudos do Círculo de Bakhtin postulavam a noção de enunciado como detendo papel central na concepção de linguagem, e isso pois, assim como já discutido, a linguagem é concebida a partir de um ponto de visto histórico, cultural e social que inclui a comunicação efetiva – os diálogos e enunciados concretos – e os sujeitos nela envolvidos.

Os enunciados concretos, portanto, são embebidos de ideologias e valorações situadas em função do propósito comunicativo do falante. Assim, a escolha de uma palavra, dialogicamente, constitui-se como um ato valorativo que, considerando também aspectos extraverbais, se propõe a convocar determinados efeitos de sentido no outro. Para a análise do signo/palavra, presente em contextos de disputa de sentidos, além de considerar a ideologia e os conflitos ideológicos nele atravessados, é preciso levar em conta as formas concretas da comunicação social e o ato discursivo em que tais signos estão materializados e, como efeito, as polêmicas concretizadas nos signos. Com efeito, também se faz necessário identificar a materialidade dos signos ideológicos e suas implicações nos diferentes gêneros discursivos.

Em um processo dialógico, portanto, a produção de sentidos de um discurso – ou ainda de forma mais pontual, a materialização de conflitos sociais e polêmicas em enunciados, exige que se leve em conta o gênero discursivo utilizado para tal. Ainda, é preciso considerar, também, o contexto imediato de interação comunicativa que o gerou, o seu contexto sócio-histórico e por fim sua relação com outros discursos.

O conceito de gênero do discurso na obra do Círculo é discutido em *Introdução ao Pensamento de Bakhtin* (FIORIN, 2011). O autor trata, inicialmente, de explicitar que Bakhtin leva em conta o processo de produção do gênero discursivo, se preocupando, assim, com a maneira como eles se constituem e não somente com aspectos formais. Nesse contexto, o autor deixa evidente, também, o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as diferentes esferas de atividades humanas.

É a partir da noção de gênero, então, que se estabelece uma série de interconexões da linguagem com a vida social. A vida é penetrada pela linguagem por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem. Dá-se, dessa forma, a importância de entender os gêneros sempre em relação a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades.

O gênero une estabilidade e instabilidade, permanência e mudança. De um lado, reconhecem-se propriedades comuns em conjuntos de texto; de outro, essas propriedades alteram-se continuamente. Isso ocorre porque as atividades humanas, segundo o filósofo russo, não são nem totalmente determinadas nem aleatórias. [...] Os gêneros são meios de apreender a realidade. (FIORIN, 2011, p. 43).

E é nesse cenário, portanto, que os gêneros discursivos, materializados na forma de enunciados concretos, refletem e refratam as especificidades e os objetivos do campo discursivo ao qual estão filiados e associados não somente por seu conteúdo temático e pelo estilo de linguagem, mas, para além disso, por sua construção composicional.

Trazendo novamente à discussão o ensaio *Que é a Linguagem?*, pode-se dizer que Volochínov discute a noção de ideologia do cotidiano, e que essa corresponde “a todo conjunto de sensações cotidianas – que refletem e refratam a realidade social objetiva – e as expressões exteriores imediatamente a elas ligadas [...]”. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 151). O autor argumenta, ainda, que é a ideologia cotidiana que dá significado a cada ato nosso, a cada ação praticada e também a cada um de nossos estados conscientes.

Tais sistemas sígnicos e ideológicos, portanto, são um produto do desenvolvimento econômico, que, por sua vez, exercem influência inegável sobre a ideologia do cotidiano e, consequentemente, conferem o seu caráter dominante e hegemônico. A palavra – signo –, então, está sempre carregada de um conteúdo ideológico e também vivencial. É nesse contexto que se formam e se estabilizam os “mundos interiores”, a esse respeito, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o autor defende que:

Essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação entre as consciências individuais. A própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico [...] (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95).

No ensaio introdutório da versão em português, traduzida diretamente do russo, de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, escrito por Sheila Grillo, os leitores são situados quanto à conceitualização da área da filosofia da linguagem, sendo essa:

[um] campo de pesquisa da filosofia em que não somente é analisada a inter-relação entre pensamento e linguagem, mas se evidencia o papel constitutivo da linguagem, da palavra e da fala às diferentes formas de discurso, à cognição e às estruturas da consciência e do conhecimento. (GRILLO, 2017, p. 12).

Ainda, na obra em questão, são mencionados linguistas europeus que contribuíram para os estudos da linguagem. Inicialmente, Potebniá, analisando as ideias de Humboldt, defende a relação existente entre o sentimento (sensação) e a realidade material do homem, argumentando que ambas são dependentes das representações, e que a representação depende da linguagem – assim, as relações existentes do homem com o objeto exterior têm base na linguagem.

A relação entre signo e consciência se dá, portanto, de maneira mútua, ao passo que uma consciência passa a existir somente quando está carregada de signos – conteúdo ideológico, adquiridos no processo de interação social. Nesse sentido, é possível concluir que a consciência

individual é um fato social e ideológico, e seu verdadeiro lugar está atrelado a esse material sógnico, que, não obstante, é social. “Qualquer refração ideológica da existência em formação, em qualquer material signifiante que seja, é acompanhada pela refração ideológica na palavra.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101).

Para Karl Vossler, linguista alemão, a evolução das formas linguísticas só ganha uma história e materialidade ao abandonar o terreno formal e gramatical – incursionando, então, questões histórico-culturais, e conseqüentemente, usos da língua ligados a determinadas esferas da atividade humana. Portanto, a história gramatical é uma série intermediária, que deve ser ligada à série histórico-cultural da sociedade: “a história da língua insere-se na ciência geral da cultura” (GRILLO, 2017, p. 37).

É preciso ainda mencionar, neste trabalho, que Beth Brait (2013) se propõe a analisar as ideias do Círculo através da dimensão verbo-visual de um enunciado, argumentando a favor da importância desempenhada por esta no papel constitutivo na produção de sentidos e de efeitos de sentido – e que ainda, segundo a autora, são inseparáveis “[...] sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente” (BRAIT, 2013, p. 44).

Nesse contexto, é crucial compreender os estudos de Bakhtin e do Círculo enquanto contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente da linguagem verbal. Assim, segundo Brait, no que Volóchinov designa em suas obras como signo ideológico, está inserido numa perspectiva semiótica-filosófica-ideológica, que serve de aparato fundamental para a leitura do visual e também da cultura visual.

Ainda, na mesma obra, acerca da relação existente entre signo e consciência, o autor defende que a materialidade proveniente de tal relação também inclui signos não-verbais:

Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade. Qualquer fenômeno ideológico sógnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante. [...] O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos [...] ocorrem na experiência externa. (VOLOCHINOV, 2017, p. 94).

Em *Bakhtin. Outros Conceitos-Chave* (2006), coletânea organizada por Beth Brait, a autora Marília Amorim propõe uma leitura e discussão do conceito de cronotopo, inicialmente proposto por Bakhtin. O conceito, de forma geral, diz respeito à relação espaço-temporal construída pelo artista-autor – nas palavras de Amorim:

Quanto ao conceito de cronotopos, este traz no nome um maior equilíbrio entre as dimensões de espaço e de tempo. [...] para exprimir a

indissolubilidade da relação entre o espaço e o tempo. [...] O cronotopos em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto. (AMORIM, 2006, p. 102).

Analisando a obra de Bakhtin, a autora explicita que o “cronotopo” se trata de uma produção de história, e que, logo, designa um lugar coletivo – matriz espaço-temporal onde outras histórias se inscrevem. Assim, Amorim conclui que é “[...] no trabalho de análise dos discursos e da cultura, quando conseguimos identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, podemos dele inferir uma visão de homem.” (BRAIT, 2006, p. 105).

Trazendo a discussão para o meio audiovisual, a autora menciona os *road movies*, e os relaciona ao que chama de “cronotopos da estrada”, indicando um lugar onde se desenrolam as ações principais do enredo, e ainda onde se dão os encontros que mudam a trajetória e vida das personagens. Nesse sentido, a concepção de tempo carrega consigo uma concepção de sujeito, e que assim, conseqüentemente, a cada nova temporalidade, são constituídos novos sujeitos. É a partir da concepção de tempo, portanto, que são identificados os pontos que este se articula com o espaço e que assim formam uma unidade. “O tempo, conforme já indicamos, é a dimensão do movimento, da transformação e, várias vezes nesse ensaio, vemos Bakhtin analisar a natureza da metamorfose a que é submetido o herói” (BRAIT, 2006, p. 103).

Acerca da noção de enunciado concreto e seu papel na produção de sentidos, Mendonça (2022) discute tal conceito também atualizando-o para o meio digital e audiovisual, considerando, para isso, os aspectos multissemióticos incorporados nos enunciados. Assim, para a autora, também, o extraverbal, enquanto parte inerente aos enunciados, não é independente da linguagem, “mas é parte constituinte dela (forma, com ela, um todo de sentido) e inclui [...] conhecimentos e avaliações compartilhados pelos sujeitos na situação da comunicação.” (MENDONÇA, 2022, p. 35). O contexto audiovisual, então, possibilita a análise a partir da perspectiva discutida – pois, aliando-se ao verbal, a série, assim como discutido anteriormente e também como trataremos nas próximas seções, explora de maneira singular a constituição de seus espaços físicos, utilizando, para isso, a relação espaço/tempo, os usos linguísticos e a caracterização das personagens, tomando gênero e identidade como fatores performativos.

Por último, neste capítulo, cabe trazer o conceito de ideologia desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin. Volóchinov entende o conceito de ideologia dividido em duas partes – de um lado, a ideologia oficial, como estrutura ou conteúdo, possuindo certa estabilidade e estando presente em documentos “oficiais” relacionados às instâncias institucionais e produtos culturais e

científicos; de outro, a ideologia do cotidiano, enquanto parte de acontecimentos presentes na vida cotidiana, relativamente instável. Assim, ambas formam o contexto ideológico completo e singular, em relação mútua, levando em consideração também o processo global de produção e reprodução social.

Se por ideologia entendemos, então, todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que têm expressão por meio de palavras – ou outras formas sógnicas, aqui, vale ressaltar, assim como propõe Miotello, que “[...] não cabe a possibilidade de tratar a ideologia como falsa consciência, ou simplesmente como expressão de uma ideia, mas como expressão de uma tomada de posição determinada.” (MIOTELLO, 2005, p. 169).

Portanto, é o campo da comunicação, e mais especificamente da interação verbal, que possibilita a constituição da linguagem como o lugar mais claro e efetivo da materialização do fenômeno ideológico – circunscrevendo marcas identitárias. A posição que a verbo-visualidade ocupa, portanto, também é crucial para a apreensão efetiva dos efeitos produzidos em materiais audiovisuais, bem como o conceito de cronotopo, que abarca o entendimento da constituição dos sujeitos a partir da relação espaço-temporal.

Dada a contextualização acerca de onde e como está inserido o conceito de cronotopo na criação estético-literária, e fazendo uso desses conceitos e perspectivas que dizem respeito à produção, constituição e cooptação da noção de sujeito na espaço-temporalidade, analisamos a seguir a série “Todxs Nós”, refletindo sobre a posição de identidades progressivamente construídas, reafirmadas e também disputadas – considerando os espaços em que os personagens são inseridos e na forma como eles ressoam em suas identidades.

4. A série “Todxs Nós”: considerações sobre linguagem neutra, construções identitárias e cronotopo

Antes de adentrarmos no mundo ficcional da série, “Todxs Nós”, à época de seu lançamento, foi recebida pela crítica de forma positiva, sendo descrita por sites como Rolling Stone e Cinema com Rapadura, como uma produção que se aprofunda no mundo LGBTQIA+ e desafia estereótipos de gênero e linguagem, reiterando, sobretudo, a importância de se ter uma história com um protagonista não-binário, com tudo que este pode oferecer para uma sociedade conservadora – informação, conhecimento e desconstrução. A série, não recomendada para menores de 18 anos, delimita o seu público de forma efetiva, ainda que aqui seja possível questionar se debates identitários devam ser restritos; se a questão de quem nós somos ou podemos-vir-a-ser – trazendo o conceito de “sujeito-em-processo” proposto por Butler –, não exista até depois da maioridade. Por fim, nesse contexto, quanto à audiência para que a série foi pensada e produzida, é produtivo citar a autora Teresa de Lauretis, que, em *A Tecnologia de Gênero* (1987), diz:

[...] o modo pelo qual a representação de gênero é construída pela tecnologia específica, mas também como ela é subjetivamente absorvida por cada pessoa a que se dirige. [...] o que equivale dizer que as maneiras pelas quais sua identificação é solicitada e estruturada no filme específico, estão íntima e intencionalmente sendo explicitamente relacionadas ao gênero do espectador. (LAURETIS, 1987, p. 222).

Retomando a questão da linguagem neutra engendrada em estudos da teoria *queer*, no que concerne aos modos pelos quais a identidade, e em particular a identidade de gênero, é constituída no e pelo discurso, segundo Butler (2003), o debate acerca das marcas identitárias na série “Todxs Nós” se dá, também, e talvez mais substancialmente, através dos diferentes espaços e ambientes. Além disso, é crucial ressaltar que o uso que as personagens fazem da linguagem neutra constitui marcadores de identidade de gênero, principalmente, e que, logo, produzem efeitos de sentido que corroboram para dada apreensão de tais efeitos. Tomando como exemplo o estúdio de tatuagem, um dos espaços de materialização mais efetiva das performances identitárias, é nesse espaço que a linguagem neutra em uso é mais produtiva – o uso que as personagens fazem de tal linguagem é contínuo e autêntico, no sentido de que, considerando a identidade de gênero das personagens, a linguagem neutra é parte crucial das reivindicações desse grupo social também marginalizado. Além disso, podemos ver, no decorrer dos episódios, que a insistência de Rafa para que seus familiares, amigos e colegas o tratassem da forma desejada, demarca e também produz efeitos de sentido.

Fig. 1 – X no estúdio:



(Fonte: HBO Max Brasil)

Na fig. 1, X, proprietário do estúdio, em conversa com Rafa, querendo ver o novo corte de cabelo do protagonista, diz: “Ah, deixa eu ver... não, feio você não vai ficar!”, ainda no mesmo episódio, X elogia Rafa o chamando de “gate”, e o protagonista, em resposta, diz “brigade!”. É importante notar nessas cenas, que o diálogo acontece de maneira fluida, sem constrangimentos quanto ao uso da linguagem neutra – e é justamente esse aspecto fluido de tal linguagem em uso que vemos nesse espaço de forma reiterada e repetidamente. Ainda, suscitando a multissemiose do enunciado, temos a própria linguagem corporal e expressão da personagem, assim como exibido na figura, que corrobora para a apreensão dessa leitura e análise, e considerando, ainda, a relação afetiva que também é construída na série entre esses personagens.

Nesse sentido, então, elucidando a perspectiva bakhtniana, temos que a linguagem não apenas reflete o lugar social de quem fala – mas faz parte desse lugar, considerando, sobretudo, que os falantes têm que marcar suas identidades de maneira assídua e repetida, e tal repetição se faz necessária para que possa ter chances de ser legitimada e creditada.

Introduzindo os tópicos a serem discutidos na próxima seção, a série brasileira, dando centralidade à personagem de Rafa, também constrói seus ambientes pensando na relação espaço-temporal em que o protagonista se insere e é inserido. Por isso, é preciso elencar os ambientes e espaços presentes no decorrer da série – espaços constituídos por: a casa em que Rafa vai morar com seu primo Vini e Maia, a sua família biológica – e a relação conturbada presente desde o início da série, que constitui o cerne dos problemas identitários enfrentados pelo protagonista –, o estúdio em que Rafa vê uma oportunidade de trabalhar (a princípio tido como um espaço acolhedor, de “iguais”) e por fim, a rua e todos os conflitos que ali podem surgir e tomam materialidade.

A relação que se instaura em cada um desses espaços é flutuante, mutável – não somente quanto à linguagem usada, uma das grandes problemáticas trazidas pela série, mas também à própria construção identitária das personagens e suas possíveis transformações e metamorfoses. É importante ressaltar que há, na série, espaços privilegiados, em que as interações decorrem de forma mais efetiva e natural – no estúdio de tatuagem e no apartamento em que o grupo de amigos vive, considerando que é ali que ocorrem as discussões sobre a (não)-utilização da linguagem neutra.

4.1. O apartamento como espaço identitário acolhedor e a família biológica como matriz da heterossexualidade compulsória

Logo no primeiro episódio da série, sabemos que o protagonista³, Rafa, está de mudança para o apartamento de seu primo, Vini, e de Maia – que ficam surpresos com a sua chegada. Sabemos também que tal mudança se deu devido ao fato de que Rafa havia entrado em conflito, mais uma vez, com seu pai, que mora no interior do estado de São Paulo, em Botucatu. Ainda, desde a sua chegada, a personagem deixa claro que se identifica como um sujeito não-binário, deixando explícito também como gostaria de ser referido – utilizando a linguagem neutra. É importante ressaltar aqui que a recepção de Vini às marcas e demandas identitárias de Rafa o incomodam, tanto que ao longo da série Vini utiliza, insistentemente, da linguagem não-binária de forma jocosa – e o mesmo não acontece com Maia, que faz questão de respeitar as subjetividades do novo integrante da casa.

Nesse contexto, a tríade linguagem/identidade/cultura é pensada e discutida por Rodrigo Borba, em *A Linguagem Importa?* (2014). O autor faz uma reflexão a respeito da forma como a linguagem produz e sustenta um dos elementos-chave para o reconhecimento social e cultural dos sujeitos – a identidade, e para além disso, a identidade enquanto sistema de reconhecimento. Ainda, Borba também reflete sobre a importância de focalizar a história social que produz as categorias identitárias e linguísticas, os atos de fala, e bem como as suas interpelações. Tais fatos, no contexto em que a série foi produzida, conferem condições para possíveis efeitos de sentido.

Por fim, nos episódios finais da série, dentro do apartamento – o objeto discutido nesse item –, o conflito, antes latente, agora deixa de existir, isso porque a trajetória de cada personagem permitiu uma transformação e amadurecimento pessoal, visível principalmente na reivindicação de suas marcas identitárias.

A respeito da importância da construção do tempo na narrativa, Amorim esclarece:

A concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem. Parte, portanto, do tempo para identificar o ponto em que este se articula com o espaço e forma com ele uma unidade. O tempo, conforme já indicamos, é a dimensão do movimento, da transformação e, várias vezes nesse ensaio, vemos Bakhtin analisar a natureza da metamorfose a que é submetido o herói. (AMORIM, 2006, p. 103).

³ A escolha pelo uso de formas gramaticais no masculino para se referir à personagem de Rafa se dá considerando a sua trajetória, evidenciando a metamorfose pela qual o personagem passou no decorrer da narrativa. Além disso, pensamos, aqui, na reiteração da noção de identidade (de gênero) como fluida, instável e excepcionalmente política e ideológica.

A exemplo, no oitavo e último episódio da série, é possível reconhecer marcadores de gênero – e decerto, de identidade –, que conferem a metamorfose que o protagonista experienciou. Ver figuras a seguir.

Fig. 2 – Rafa e sua família biológica na sala do apartamento:



(Fonte: HBO Max Brasil)

Fig. 3 – Rafa e o pai em conflito:



(Fonte: HBO Max Brasil)

Fig. 4 – O pai de Rafa deixando o apartamento:



(Fonte: HBO Max Brasil)

Na cena exposta nas figuras 2 e 3, próximo ao final do episódio, é curioso notar que Rafa ainda está machucado após a agressão de cunho homofóbico e transfóbico que sofreu na rua, e o pai de Rafa, sabendo do acontecimento, ainda o chama de “filha”, insistindo para irem

embora de volta para Botucatu. O protagonista, então, já cansado do contínuo desrespeito, comunica à família que a partir daquele momento gostaria de ser referido e tratado no masculino, se reafirmando como “o Rafa”. Já na figura 4 temos o pai de Rafa à porta do elevador, no anseio de voltar para o interior, após a discussão com o filho, nota-se que ele está sozinho ali, enquanto o restante de sua família, a esposa e a filha mais nova, está se despedindo devidamente do protagonista, oferecendo apoio e amparo.

Assim, Rafa, que no início da série se identificava como não-binário, passa, finalmente, a se identificar como homem, fato que provoca o distanciamento efetivo de sua família biológica, mais especificamente seu pai, que, na cena discutida, sai do apartamento do filho e dos amigos sem se despedir, demarcando, por fim, a sua posição.

É interessante notar, nessa parte da série, os efeitos de sentido produzidos pela transformação e identificação de Rafa como um homem. Sara Salih, (2019), relendo os estudos feitos por Butler, afirma, a respeito da constituição da identidade de sujeitos, que: “[...] em vez de partir da premissa que o sujeito é um viajante metafísico preexistente, Butler descreve-o como um sujeito-em-processo que é construído no discurso pelos atos que executa.” (SALIH, 2019, p. 65).

Butler, ao longo de toda a sua obra, reitera que há modos de “construir” a nossa identidade que vão perturbar e corromper, de certo modo, as oposições hegemônicas existentes, tais como macho/fêmea, masculino/feminino, gay/hétero. E é isso que vemos acontecer em “Todxs Nós” com a personagem de Rafa, que, com a ajuda de marcas identitárias, incomoda, subverte e desestrutura o que é concebido pela ideologia dominante como natural e homogêneo.

Assim, é através da relação espaço-temporal com as personagens que é possível que se constituam sujeitos e identidades – o tempo e o espaço, em conjunto, correspondem ao movimento, à transformação e à metamorfose a que as personagens são submetidas e a que também se submetem – subvertendo, nesse caso, construtos sociais e produções de poder. Para além disso, fazendo uso da perspectiva da verbo-visualidade de enunciados, é possível apreender a posição de identidades progressivamente construídas, reafirmadas e também disputadas.

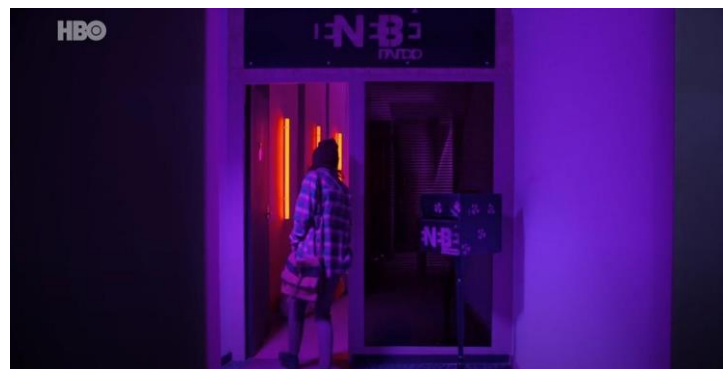
4.2. O estúdio de tatuagem como espaço subversivo e a rua como manifestação concreta das relações de poder

Já na metade do primeiro episódio de “Todxs Nós”, somos apresentados ao espaço que corresponde ao estúdio de tatuagem – estúdio que tem como donos duas pessoas não-binárias,

fato que irei abordar ao longo deste item. Rafa, nos primeiros diálogos que tem dentro de sua nova casa, diz que deseja ser um artista livre, assim, mais tarde, busca sempre treinar suas técnicas de desenho para que possa se tornar um tatuador – e acaba encontrando um meio de sobrevivência e resistência no estúdio que recém conheceu.

Mas se tratando da caracterização do estúdio, ficam explícitas as marcas circunscritas ali, e além disso, os efeitos que são produzidos por essas marcas. Aliadas à verbo-visualidade, as marcas identitárias estão demarcadas, também, na vestimenta das personagens, nos estilos de maquiagem não-convencionais que são utilizados, nos diferentes cortes de cabelo, tatuagens – enfim, os corpos e os significados que carregam consigo. E ainda, está demarcada a forma como o próprio estúdio é constituído, as decorações, os jogos de luzes dentro daquele espaço – tudo que está exposto e compõe esse ambiente concebe efeitos de sentido para a audiência. Na primeira figura a seguir, retirada do primeiro episódio da série, temos a entrada do estúdio de tatuagem, chamado “NB Tattoo”, nome que traz a sigla NB, de não-binário, e então remete à identidade das personagens que ali trabalham; na segunda figura, também do episódio introdutório da série, temos o espaço interior do estúdio, com cores vibrantes, e para além disso, temos também Juno e X, proprietários do espaço, dando enfoque para a constituição visual das personagens.

Fig. 5 – Entrada do estúdio de tatuagem:



(Fonte: HBO Max Brasil)

Fig. 6 – Os proprietários do estúdio:



(Fonte: HBO Max Brasil)

Os elementos estéticos (e semióticos) que compõem o espaço discutido se diferem consistentemente das demais personagens e ambientes da série. Assim, supõe-se que a intenção da série em reproduzir tais elementos constituintes de identidades dissidentes corrobora para a categorização dessas enquanto performances contínuas, diárias e que estão, propositalmente, subvertendo aspectos tidos, também diariamente, como naturais e incontestáveis.

Guacira Lopes Louro (2003), autora na área da educação e sexualidade, discute que a determinação das posições dos sujeitos no interior de uma cultura remete, usualmente, à aparência de seus corpos – portanto, remete à forma como expressamos e performamos nossa identidade de gênero. Ainda, essa delimitação terá, além de seus efeitos simbólicos, expressão social e material, permitindo, nesse sentido, que o sujeito seja reconhecido como pertencente a uma determinada identidade, que seja incluído ou excluído de espaços e posições. Aqui, é indispensável apontar que os sujeitos também inscrevem suas próprias marcas e códigos identitários, objetivando escapar de normas preestabelecidas ou confundi-las. E é isso que vemos projetado no ambiente do estúdio de tatuagem.

Coexistindo com o espaço do estúdio está a rua, o ambiente das manifestações concretas das relações de poder. Na série, em vários episódios, a personagem de Rafa sofre alguns ataques – que vão do âmbito simbólico à violência física. A violência simbólica, aqui considerando a agressão que fere o psicológico e emocional, como já discutido, se enquadra, também, na relação conturbada e problemática com o pai. Mas, além disso, a série trata também de casos de agressão homofóbica, transfóbica e machista – como é o caso da cena em que, após sair de uma festa, o trio é confrontado por um outro grupo de homens que vê Rafa na rua e começa a ameaçá-lo. Ver figura a seguir.

Fig. 7 – Briga na rua após a balada:



(Fonte: HBO Max Brasil)

As ameaças, contudo, passam para a agressão física e o proferimento de insultos – dirigidos não somente a Rafa, mas aos seus amigos também. Nota-se, especialmente nessa cena, que a forma como foi construída, junto aos seus diálogos, parte de uma visão advinda do senso comum, e, logo, da matriz heterossexual – ao passo que os agressores utilizam de frases que questionam a maneira como Rafa e Vini se portam, de maneira não-conformista com seus gêneros (na cena, um dos homens do grupo chama Rafa de “sapatão escrota”, questionando-o se quer “ser homem” e por fim o chamando para uma briga).

Terminando esta seção, cabe retomar rapidamente o conceito de cronotopo, pensando o tempo/espço como aquilo que dá substância às transformações – o aspecto espaço-temporal na relação das e entre as personagens.

A concepção de enunciado concreto, então, enquanto pertinente ao meio audiovisual, diz respeito fundamentalmente aos aspectos multissemióticos incorporados nos enunciados. Nesse sentido, segundo Mendonça (2022), o extraverbal, também, é parte constituinte dos enunciados, articulando a partir e com ele, um todo de sentido – circunscrevendo ali conhecimentos e avaliações que os sujeitos interlocutores compartilham em dada situação de comunicação.

Em consonância, o conceito de cronotopo, assim como exposto por Amorim (2006), ao também incluí-lo na esfera do audiovisual, representa um lugar onde as ações principais do enredo são desenvolvidas e tomam materialidade, indicando ainda um espaço individual onde as metamorfoses são concretizadas. Tal conceito, então, carrega consigo uma concepção de sujeito – concepção esta que, consequentemente, é atualizada a cada nova temporalidade, em uma relação de “sujeito-em-processo”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a performatividade das identidades de gênero, portanto, é sempre um exercício que envolve a apreensão de fatores externos, mas também internos à própria língua, levando em consideração as relações de poder existentes – isso, pois, sistematicamente, “o poder não apenas nega, impede, coíbe, mas também “faz”, produz, incita” (LOURO, 2014, p. 44), e, ainda, segundo Louro, é a partir de tal noção de poder, enquanto parte da matriz hegemônica heterossexual, que se produzem e se fabricam corpos dóceis, induzindo comportamentos e aumentando, em uma lógica política neoliberal, a utilidade econômica desses corpos, ao passo que diminui a sua força política, individual e coletivamente.

Na série, como discutido, há espaços privilegiados no que cerne à produção e aceitação de corpos dissidentes – espaços em que tais elementos servem para reiterar a categorização dessas enquanto performances contínuas e propositalmente subversivas, como o caso do estúdio de tatuagem e, mais à frente na narrativa, no apartamento em que Rafa mora; ao mesmo tempo em que evidenciam uma série de violências a que esse grupo é exposto, perpassando a invisibilização, como com o pai biológico do protagonista, que se nega a reconhecer o filho em suas subjetividades, e também os insultos e violências físicas, no ambiente da rua, que retratam, de maneira fiel, a ideologia da “intolerância”.

A esse respeito, então, a presente monografia contribui diretamente para os estudos da linguagem em diálogo com questões identitárias de gênero, buscando analisar as formas de apreensão dos processos de subjetivação, nesse caso a partir de um *corpus* audiovisual. Ainda, ao se debruçar sob fundamentações teóricas que visam produzir análise dos discursos, a grosso modo, se faz possível apreender as ideologias circunscritas nos espaços ocupados por grupos sociais marginalizados, e para além disso, as alianças formadas por tais corpos, objetivando a construção de uma política *queer* e decolonial.

O movimento de conferir visibilidade à discussão acerca das possibilidades identitárias explícita, evidentemente, o processo de não-reconhecimento do Outro assim como defendido culturalmente. Em consonância, como também argumenta Louro, a lógica por trás de tais performances identitárias é, de fato, ir na contramão do sistema:

[...] para esses sujeitos, a grande questão não consiste em se opor à identidade ou à cultura centrais; não lhes interessa, também, serem acolhidos ou integrados ao “sistema”. Sua aspiração parece ser a de romper com a lógica hegemônica, melhor dizendo, interessa-lhes romper com a lógica que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, ao sujeito central (masculino, branco, heterossexual, de classe média). (LOURO, 2003).

No Brasil, frente às políticas institucionais contrárias à linguagem neutra – assim como aos direitos LGBTI+ em geral – é indiscutível a necessidade de se estudar, analisar e debater os discursos que vêm sendo construídos a esse respeito, e mais do que isso, os argumentos utilizados para defender tais pontos de vista. Além disso, também perpassando embates ideológicos e relações de poder, ainda há muito a se fazer no que diz respeito à apreensão devida dos estudos de gênero e identidade, em geral, nas instituições de ensino principalmente – isso, pois, a título de exemplo, desde meados de 2010, criou-se um pânico moral acerca de uma suposta “ideologia de gênero” empregada e defendida em escolas. Tal perspectiva, à época, potencializou a rejeição de parte da sociedade perante a marginalização de grupos sociais, e mais à frente, no período de 2018, também com as eleições presidenciais, a discussão da linguagem neutra e os “não-binários” auxiliou, de forma negativa, para que uma parcela da população, já imersa em ideais conservadores que vêm sendo construídos há anos, enxergasse tal pauta como uma afronta às famílias tradicionais, os valores éticos e morais cristão-ocidentais, e para além disso, uma ameaça à própria língua.

Partindo das noções discutidas de purismo e higienismo linguístico, assim como visto em Faraco (2001, 2008), Bagno (2009) e Sousa (2017), temos que a língua, longe de ser mero produto cultural, não é, tampouco “[...] “aperfeiçoável”, como uma ferramenta ou um instrumento de precisão, nem “deteriorável”, como pode ser um produto artesanal tradicional que passou ao estágio da produção em massa.” (FARACO, 2001, p. 66) – a língua, portanto, não age de maneira a implicar em um ponto final específico e um nível de excelência: ela simplesmente muda, tendo seu fluxo ditado por forças constitutivas próprias e também pela ação de seus falantes. Trazendo os projetos de lei contrários à linguagem neutra propostos nos últimos anos, é possível depreender, então, que suas justificativas pressupõem uma dita corrupção da língua – tendo como base ideologias conservadoras hegemônicas –, corrupção tal que pode ser traduzida como medo de perder o poder que essa mesma parcela da sociedade detém *sobre e pela* língua, de se ver despossuído do prestígio e privilégio linguístico. Tais ideais de purismo e higienismo linguístico, então, servem à manutenção de um sistema já excludente. A respeito do apagamento de diferenças linguísticas frente à manutenção das relações de poder, Garcez e Zilles (2001) afirmam:

Ora, ao se configurar um elemento externo como ameaça comum, apagam-se as diferenças linguísticas que marcam as divisões internas dos grupos que disputam recursos na sociedade. Dissimulam-se as identidades de classe dos brasileiros desiguais que [...] falam diferente e marcam suas diferentes identidades justamente pelo jeito que falam. (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 25).

Advertir e coibir grupos sociais marginalizados e suas subjetividades, então, remete ao apagamento de diferenças identitárias, e, aqui, a nível da língua em uso – cerceando a existência de sujeitos dissidentes, e novamente relegando-os à precariedade; o controle dos corpos através da política.

A série “Todxs Nós”, ao dar protagonismo a um personagem não-binário, põe em evidência uma produção a partir de dissidências identitárias, reiterando as formas como a heterogeneidade compulsória apreende as demais identidades subalternizadas – violentando-as psicologicamente, simbolicamente e fisicamente. Portanto, nessa lógica, é a partir da lógica *queer*, enquanto pensamento e produção desviante, contra hegemônica, que devemos analisar a formação e apreensão das identidades. Miskolci (2012) argumenta que:

A hegemonia é resultado da cumplicidade dos dominados com os valores que os subalternizam. [...] devemos colocar em xeque a forma de criação do conhecimento atual, a epistemologia vigente, de forma a mostrar como seu poder e autoridade derivam não de sua neutralidade científica, mas sim de seu comprometimento com o poder. (MISKOLCI, 2012, p. 52).

Pensar, analisar e debater produções, quaisquer que sejam seus meios, requer olhares atentos para o contexto em que estão inseridos, as finalidades a que servem, enfim, é produtivo se atentar às condições sócio-históricas e políticas de produção de tais obras, de forma a observar como se dá a discussão da diversidade, de modo geral, visto que, há décadas, pelo menos, foi adotada a perspectiva da tolerância – a esse respeito, como proposto anteriormente, é necessário pensar as relações impostas nesse tipo de concepção: “[...] a perspectiva das diferenças é mais democrática porque nos convida a descobrir a alteridade como parte não reconhecida do que somos, em vez de um atributo ou a identidade de um Outro incomensuravelmente distinto de nós mesmos.” (MISKOLCI, 2012, p. 53). Ainda, para o autor, quando falamos de possíveis “Outros” sociais, é comum pensarmos que a diferença é algo que não existe em nós, porém, ao contrário disso, ela existe, apenas foi normalizada, apagada ou ignorada.

Voltando brevemente à discussão da performatividade de gênero e sua construção social, faz-se necessário explicar que a reiteração de quaisquer que sejam as identidades se dá considerando, sobretudo, que o gênero é um exercício de liberdade, mas que ainda assim não significa que tudo que o constitui é livremente escolhido. Butler (2019, p. 67) defende que “mesmo aquelas dimensões de gênero que parecem bastante “programadas” – sejam constituídas ou adquiridas – devem ser possíveis de reivindicar e exercitar de maneira livre. [...]”. Nesse sentido, o gênero, sendo tomado como exercício de liberdade, deve ser concedido justamente o mesmo tratamento que a qualquer outro exercício de liberdade sob a lei. Ainda,

para a estudiosa, é também politicamente que “devemos exigir a expansão das nossas concepções de igualdade a fim de incluir essa forma de liberdade corporificada.”

Por fim, ao optarmos por tratar de tais temas, que vêm ganhando notoriedade nos últimos anos no Brasil, desejamos trazer luz às discussões que podem gerar uma tomada de consciência e postura mais crítica, efetiva e de reconhecimento do Outro, subvertendo pânticos morais criados, não por acaso, por uma parcela da população que enxerga a sociedade com olhares puristas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.

BAGNO, Marcos. Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia. **Veredas, revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, MG, v. 5, n. 2, p. 71-83, 2009.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 43, p. 441-473, 2014.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Bakhtiniana. **Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.

BRASIL. Projeto de Lei nº 721, de 5 de dezembro de 2020. Estabelece medidas protetivas ao direito dos estudantes do Estado ao aprendizado da língua portuguesa de acordo com a norma culta e orientações legais de ensino. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000356685>. Acesso em 30 dez. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei nº 5.248, de 21 de novembro de 2020. Estabelece o direito dos estudantes de todo o Brasil ao aprendizado da língua portuguesa de acordo com a norma culta e orientações legais de ensino. **São Paulo: Câmara dos Deputados**, 2020. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1968104. Acesso em: 30 dez. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei nº 2.650, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para vedar a utilização de linguagem neutra por escolas públicas e privadas. **Santa Catarina: Câmara dos Deputados**, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2291997>. Acesso em: 30 dez. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei nº 5.385, de 4 de dezembro de 2020. Estabelece medidas de proteção ao direito dos estudantes brasileiros ao aprendizado da língua portuguesa de acordo com a norma culta e orientações legais de ensino, na forma que menciona. **Santa Catarina: Câmara dos Deputados**, 2020. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/materias-bicamerais/-/ver/pl-5385-2020>. Acesso em: 30 dez. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei nº 5.198, de 18 de novembro de 2020. Veda expressamente a instituições de ensino e bancas examinadoras de seleções e concursos públicos a utilização, em currículos escolares e editais, de novas formas de flexão de gênero e de número de palavras da língua portuguesa, em contrariedade às regras gramaticais consolidadas. **Minas Gerais: Câmara dos Deputados**, 2020. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1968082. Acesso em: 30 dez. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. 2ª ed. Curitiba: Criar, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. Guerras em torno da Língua: questões de política linguística. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 37-48.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GARCEZ, Pedro; ZILLES, Ana Maria. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 13-33.

GRILLO, Sheila. Ensaio Introdutório. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

HILDA, Sousa. Estrangeirismos versus purismo da língua portuguesa do Brasil: um debate constante. In: PAULA, Maria; SANTOS, Márcia; PERES, Selma (Orgs.). **Perspectivas em Estudos da Linguagem**. Editora Edgard Blücher LTDA., 2017.

KLIMIUC, Denis. Todxs Nós (HBO, 1ª temporada): audaz e deliciosamente moderna. **Cinema com Rapadura**, 2020. Disponível em: <https://cinemacomrapadura.com.br/criticas/579148/critica-todxs-nos-hbo-1a-temporada-audaz-e-deliciosamente-moderna/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

LAURETIS, Teresa. **A tecnologia do gênero**. Indiana University Press, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. **Labrys, estudos feministas**, n. 4, agosto/dezembro 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENDONÇA, Marina. Desafios metodológicos para os estudos bakhtinianos do discurso. In: **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 107-116.

MENDONÇA, Marina. O enunciado concreto como um todo de sentido: considerações sobre o conceito de enunciado na perspectiva do Círculo de Bakhtin. In: GEBGE (Grupo de Estudos Bakhtinianos dos Gêneros do Discurso) (Org.). **Olhares sobre textos e diálogos na perspectiva bakhtiniana**. Franca, SP: Ribeirão Gráfica Editora, 2022, p. 31-46.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 167-176.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: Um aprendizado pelas diferenças (Série Cadernos da Diversidade, Vol. 6). Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. (Coleção Feminismos Plurais – Coord. Djamila Ribeiro). São Paulo: Jandaíra, 2021.

RODRIGUES, Malu. Todxs Nós, nova série brasileira da HBO, submerge no mundo LGBTQ+ e desafia estereótipos de gênero e linguagem. **Rolling Stone**, 2020. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/todxs-nos-nova-serie-brasileira-da-hbo-submerge-no-mundo-lgbtq-e-desafia-estereotipos-de-genero-e-linguagem/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

SALIH, Sarah. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017. (Tradução, Ensaio Introdutório, Glossário e Notas de S. V. C. Grillo e E. V. Américo). 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. v. 1. 371p.

VOLOCHÍNOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013.